

O tormento eterno é contrário ao senso humano de justiça?

Compreendendo o destino humano

por

Paulo Sérgio de Araújo

Recorrendo ao senso humano de justiça para tentar combater a doutrina bíblica do tormento eterno dos perdidos, o teólogo adventista Samuele Bacchiocchi, defensor do aniquilacionismo¹, declarou:

Além disso, o tormento eterno não serve a qualquer propósito positivo, reformatório, simplesmente porque somente atormenta os pecadores sem reformá-los. Tal noção revela unicamente um espírito vingativo da parte de Deus, que é claramente contradito pelo que Jesus nos revelou a respeito do amor de seu Pai pelos perdidos. Hans Küng corretamente assinalou que num tempo em que nossos sistemas educacionais estão gradualmente abandonando a noção de castigos punitivos sem oportunidade de liberdade condicional e reabilitação, “a idéia não somente de uma punição de toda a vida, mas mesmo eterna, do corpo e alma, parece a muitas pessoas absolutamente monstruosa”.²

Entretanto, esse raciocínio não resiste a uma análise mais detida. Em primeiro lugar, Bacchiocchi não percebeu que seu argumento é desprovido de sentido, pois se o tormento dos perdidos será *infindável*, então como que ele poderia ter “qualquer propósito positivo, reformatório”? Impossível. Um castigo sem fim só serve, obviamente, para manifestar a ira santa e justa de Deus, o que naturalmente exclui qualquer oportunidade de redenção para ímpios e anjos caídos.

Em segundo lugar, na mesma página em que escreveu o trecho citado acima, Bacchiocchi, tratando da gradação de castigos do mundo futuro, diz que os perdidos que já morreram, e que atualmente encontram-se inconscientes, serão

¹ *Aniquilacionismo* é a teoria segundo a qual Deus, no fim dos tempos, levará os seres morais reprovados (homens e anjos caídos) à extinção, ou seja, a um estado de eterna inexistência. Tal idéia é ensinada principalmente pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e pela organização das Testemunhas de Jeová.

² BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou Ressurreição: Uma abordagem bíblica sobre a natureza e o destino eterno*. Unaspres, 1ª edição, 2007, pgs. 234.

ressuscitados. E por quê? Segundo Bacchiocchi, para *sofrerem temporariamente* nas mãos de Deus, a fim de pagarem pelos pecados que cometeram enquanto viveram neste mundo. Ao final desse período de agruras inimagináveis, eles serão aniquilados.

Ora, se Bacchiocchi alega que o tormento eterno dos perdidos “revela unicamente um espírito vingativo da parte de Deus”, pois Ele apenas “atormenta os pecadores sem reformá-los”, então não poderíamos dizer o mesmo dos tormentos temporários? Afinal, essa temporada de castigos não tem “qualquer propósito positivo, reformatório”. A propósito, será que Deus, ao trazer os perdidos novamente à consciência *somente* para torturá-los, não estaria agindo de forma “monstruosa”, sádica? Por que Deus não os deixa perpetuamente em seu atual estado de inconsciência?

Em terceiro lugar, uma falha que perpassa todo o pensamento de Bacchiocchi, no que se refere à natureza e destino humanos, é o fato de ele abordar esses assuntos a partir de uma visão estritamente humana. Isso transparece em seu argumento aqui apresentado, que concebe a justiça divina à luz da justiça humana, como se uma fosse igual à outra, ou que uma revelasse a outra. Contudo, a justiça dos homens tem pouco ou nada a nos ensinar sobre a justiça de Deus. Dessa maneira, é bem verdade que boa parte dos nossos sistemas prisionais tenciona reabilitar os infratores, recolocando-os na sociedade. Porém, isso não indica que o castigo futuro, seja ele eterno ou não, deva ter esse mesmo objetivo. Se for assim, então Bacchiocchi terá que admitir que os ímpios, após sofrerem temporariamente, serão salvos (e não aniquilados), pois não devem mais nada para Deus.³ Em suma, tal raciocínio levaria ao universalismo, em que todas as criaturas serão, mais cedo ou mais tarde, alcançadas pela graça de Deus.

Respondendo à pergunta-título deste estudo, concordamos com a afirmação de Bacchiocchi de que o tormento eterno é contrário ao senso humano de justiça. Todavia, essa nossa concordância tem uma *intenção* bastante distinta: enquanto Bacchiocchi usa o argumento do senso humano para *rejeitar* o tormento eterno, usamo-nos apenas para comprovar que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2.14). Tal qual a mente humana, cega e rebelde às coisas de Deus, não aceita o tormento eterno, igualmente rejeita a inspiração divina das Escrituras, a Trindade, os milagres, a encarnação de Cristo, a graça de Deus revelada em Jesus, a ressurreição dos mortos, o juízo vindouro, *etc.* Não podemos nos esquecer que os padrões humanos de justiça e verdade não correspondem aos de Deus.

Paulo Sérgio de Araújo

³ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1999, pg. 984.